

## “Nós Somos uma Família”: amizade, solidariedade e proteção em um grupo de homens homossexuais mais velhos

*“Somos una Familia”: la amistad, la solidaridad y la protección de un grupo de hombres gay mayores*

*“We are Family”: friendship, solidarity and protection within a group of older gay men*

**Thiago Barcelos Soliva**

**Resumo:** este artigo analisa as formas de proteção e as manifestações de solidariedade entre um grupo de amigos formado, majoritariamente, por homens homossexuais com mais de 50 anos. Nesta perspectiva, e com base em discussão antropológica sobre homossexualidade masculina, avalia-se como o sentido de “família” permeia as relações desses homens entre si.

**Palavras-chave:** família, solidariedade, homossexualidade.

**Resumen:** este artículo analiza las formas de protección y las manifestaciones de solidaridad entre un grupo de amigos compuesto, principalmente, por hombres gays con más de 50 años. Desde esta perspectiva y con base en la discusión antropológica sobre la homosexualidad masculina, se evalúa cómo el significado de “familia” inculca en las relaciones de estos hombres.

**Palabras clave:** familia, solidaridad, homosexualidad.

**Abstract:** the present paper analyzes the forms of protection and solidarity demonstrations among a group of friends especially comprised of gay men who are over 50 years old. Grounded on anthropological discussions about male homosexuality, the paper addresses how the sense of ‘family’ permeates those men’s relationships among themselves.

**Keywords:** family, solidarity, homosexuality.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central analisar as relações de amizade de um grupo formado majoritariamente por homens homossexuais chamado “Turma OK”, sediado na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Busco aqui compreender as formas de proteção e as manifestações da solidariedade entre os amigos que compõem este

<sup>1</sup> Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK*, orientado pela Professora Dra. Mirian Goldenberg no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, contou com bolsa da Capes para a realização do trabalho.

grupo. Tentarei ainda analisar como sua trajetória é construída a partir das relações de amizade estabelecidas por homens homossexuais, os quais, na década de 1960, começaram a se reunir para compartilhar experiências de vida semelhantes. Esses homens passaram a se perceber como integrantes de uma “família”, o que distingue o grupo de um clube social comum.

O surgimento de formas de sociabilidades homossexuais masculinas no Rio de Janeiro e em São Paulo data do século XVII. Estudos como os de James Green (2000) e Carlos Figari (2007) buscaram resgatar essa vibrante vida social travada entre homens em “deriva” por desejos que só poderiam ser realizados se soturnamente negociados nas ruas, fora dos olhares da sociedade mais ampla. Esses trabalhos trouxeram à baila a história íntima de homens que amavam outros homens, revelando como foi se constituindo um novo tipo social forjado pela ciência e incorporado pela opinião pública da época, o homossexual.

Entre as décadas de 1950 e 1970 algumas “turmas de homossexuais” começaram a surgir no Rio de Janeiro. Em seu estudo sobre o jornal *O Snob*, Rogério da Costa (2010) contabilizou nove Turmas atuantes nos dois primeiros anos de existência daquela publicação (1963-1964). Essas Turmas adotavam, quase sempre, o nome da localidade da qual seus membros faziam parte: Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma de Botafogo e o Grupo Snob (COSTA, 2010).

Esses grupos se reuniam nos apartamentos daqueles membros que abriam as suas portas para receber amigos e outros convidados. Recebiam ainda membros de outras Turmas, animando uma agitada vida social baseada em laços de amizade. Eram reuniões informais nas quais conversavam sobre amenidades, trocavam ideias, riam e flertavam. Cada um trazia um prato que era compartilhado por todos os presentes. Essas reuniões aproveitavam-se da intimidade dos apartamentos para controlar a frequência dos membros. Ali todos eram conhecidos, eram amigos, portanto poderiam ser “eles mesmos”, sem tentar esconder suas preferências sexuais.

As atividades das Turmas não se restringiam apenas às reuniões sociais, mas também a jantares e às esperadas “festas temáticas”. Essas demandavam muito tempo e esforços para serem organizadas (COSTA, 2010). As festas era o coroamento máximo dessas reuniões, através desses eventos é que surgiram os concursos de miss (gay), espetáculos e outras atividades lúdicas. Será da popularidade gerada por essas festas temáticas que teria surgido a necessidade de se criar um jornal, *O Snob*, dedicado a divulgar o calendário de festas e outras atividades promovidas por essas Turmas.

A possibilidade de existir como homossexual era um dos principais objetivos perseguidos por esses grupos, diante de uma sociedade com poucos espaços onde poderiam “ser eles mesmos”. Nessas reuniões, ocorria muito mais do que o encontro de indivíduos que se reconheciam em função de suas preferências sociais, ali se aprendia a ser “homossexual”, assim como, mais tarde, em reuniões semelhantes, aprendeu-se a ser “militante homossexual”, como lembra MacRae em estudo sobre o grupo Somos/SP (FACCHINI, 2005).

A Turma OK surgiu como tantos outros desses coletivos. Ela foi fundada em 13 de janeiro de 1961. Esse momento é chamado pelos sócios mais antigos de “Primeiro Período”, caracterizado pelos encontros nos apartamentos e pelo medo de serem flagrados pela vigilância dos tempos da ditadura. Em 1962, o grupo reforçou seus quadros com a entrada de

<sup>2</sup> Os estudos sobre a sexualidade, particularmente sobre homossexualidade, datam do século XIX. Todavia, esses estudos partiam de uma perspectiva eminentemente médico-legal. Para uma discussão mais aprofundada desse período, ler Green (2000).

<sup>3</sup> Todos os nomes citados neste trabalho são de pessoas publicamente identificadas com a Turma OK. Essa identificação foi feita através de jornais, revistas, livros ou mesmo pelo site da associação. Optei, assim, por manter os nomes verdadeiros dos informantes, com o seu consentimento, visto serem os mesmos de conhecimento público. Somente um dos interlocutores decidiu não permitir o uso de seu nome. Respeitando sua vontade, utilizei um nome fictício para fazer referências a ele.

<sup>4</sup> Trata-se de um grupo formado majoritariamente por homens homossexuais. Ele foi fundado em 13 de janeiro de 1961, mantendo-se até hoje. Sua sede localiza-se na Rua do Rezende, 42, na Lapa, bairro carioca tradicionalmente associado à boemia e a malandragem. A Turma OK se constitui com uma das mais longevas instituições formadas por homens homossexuais. Em minha dissertação de mestrado procurei discutir a dinâmica da sua sociabilidade, cuja característica mais importante foi a manutenção de fortes e duradouros laços de amizade construídos pelos seus frequentadores até hoje.

homens que participavam de outros grupos da Zona Sul. Eles vieram principalmente do Grupo do Snob. Na ocasião, aderiram à Turma OK personagens como Carlos Miranda (Ceeme), Agildo Guimarães, Zozô, José de Assis, Sérgio Fernando e outros.

Situo essa pesquisa dentro da tradição de estudos sobre sociabilidades gays no Brasil. Os primeiros estudos sobre sexualidade, erotismo e sociabilidade gay no Brasil foram fortemente influenciados pelos modelos analíticos desenvolvidos pela antropologia urbana (MELATTI, 1984), sobretudo aqueles da chamada Escola de Chicago. Entendidos anteriormente como temas de menor prestígio acadêmico (GOLDENBERG, 2005; PARKER, 2002), mesmo entre os antropólogos (VANCE, 1995), esses estudos começaram a aparecer de forma mais regular na década de 1970<sup>2</sup>. Essas investigações articulavam ciência e ativismo político em um esforço de compreensão das novas possibilidades de se organizar a experiência sexual e o prazer.

## 1. Metodologia

O material que se baseia esta pesquisa foi obtido através da história de vida de três homens homossexuais com mais de 70 anos, Agildo Bezerra Guimarães, Anuar Farah e José Carlos Rodrigues<sup>3</sup>.

Todos eles foram ou ainda estão ligados à Turma OK<sup>4</sup>. A pesquisa nos ajuda a compreender sobre a sociabilidade homoerótica

nas décadas de 1950 e 1960, períodos que antecedem a formação do Movimento Homossexual Brasileiro - MHB.

A construção das trajetórias de vida desses homens me possibilitou compreender pontos específicos da construção e visibilidade da identidade homossexual em diferentes contextos. A história contada por eles é uma versão singular, que se relaciona com um contexto mais amplo de transformações socioculturais pelas quais passava a sociedade brasileira. Talvez essa mesma história fosse contada de uma forma diferente se aqueles que detêm a “autoridade narrativa” fossem outros homens homossexuais, ou mesmo ativistas do movimento LGBT. Essa história se inscreve em um processo que Michel Pollak (1989) identifica como “enquadramento de memória”. Para o autor:

“O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p.09).

A autoridade da qual são investidos esses indivíduos em relação aos rumos da história narrada os torna, ainda de acordo com Pollak (1989), “profissionais da história”, ou como sugere Myriam Lins de Barros (1989), “guardiões da memória”. São indivíduos encarregados de reter a memória do grupo, sob pena de a mesma se perder. Foi através dessa versão da história que pude construir a singularidade da trajetória de vida desses homens, que será conhecida nas páginas que seguem.

## **2. Famílias de Escolha**

A literatura nacional e internacional sobre homossexualidades tem dedicado atenção à importância das amizades entre homens que se sentem atraídos sexualmente por outros homens no processo de definição da identidade homossexual. Um dos estudos pioneiros sobre o tema no

Brasil foi o de José Fabio Barbosa da Silva que, já em 1958, identificou em São Paulo o que chamou de “grupos homossexuais primários”, formados por amigos cujo “impulso de sociabilidade” se estabelecia em função de interesses comuns por práticas sexuais consideradas desviantes. Barbosa da Silva constatou que esses “grupos homossexuais primários” surgiam e possuíam relativa continuidade em função da existência de processos cooperativos internos através dos quais esses indivíduos encontravam apoio e aceitação entre eles mesmos (BARBOSA DA SILVA, 2005, p. 107).

A etnografia de Carmem Dora Guimarães sobre um grupo de “entendidos” na década de 1970 é outro exemplo de um trabalho que pôs em destaque a relação estabelecida entre amigos que compartilham

<sup>5</sup> Os estudos desenvolvidos na chamada Escola de Manchester foram os pioneiros na abordagem das redes sociais e da função das amizades para a construção de um plano de análise. Autores como Epstein e Mitchell, amplamente utilizados por Dora Carmem Guimarães (2005), se destacam nessa tarefa.

das mesmas práticas sexuais. O trabalho é uma importante contribuição para os estudos que tomaram as relações de amizade e o conceito de redes sociais para a análise de uma dada realidade<sup>5</sup>. Para essa autora, a opção metodológica pela “*network*” oferece uma possibilidade de se estudar, dentro do grupo, suas práticas e os significados atribuídos a estas.

As pesquisas de James Green (2000) e Carlos Fígari (2009), ricas em dados históricos sobre a sociabilidade homossexual no Rio de Janeiro e em São Paulo, também dão considerável importância às relações de amizade entre homens homossexuais. Nesses trabalhos, encontramos valiosos registros sobre como as redes de amigos gays estruturaram um tipo específico de sociabilidade que se desenvolveu nas duas maiores cidades brasileiras. Essa sociabilidade envolvia não somente os espaços privados, como os cafés, bares e cinemas, mas também espaços públicos, com a praia de Copacabana, que se tornaram importantes enclaves por meio dos quais essas redes de amigos podiam contar com uma relativa segurança para se relacionarem.

Os trabalhos de Kenneth Plummer (1983) sobre a periodização da homossexualidade também dão vulto ao lugar dos amigos gays na conformação de uma “identidade desviante”. Para esse autor, a aproximação com iguais em uma fase que chama de “subculturalização” seria imprescindível para a afirmação da identidade homossexual, tendo como consequência a total “saída do armário”. Essa fase consistiria na ida a locais frequentados por indivíduos que compartilham as mesmas preferências sexuais. A primeira ida à boate, por exemplo, seria uma espécie de “divisor de águas” na vida de grande parte dos homens homossexuais.

Em pesquisas mais recentes, como as de João Bosco Hora Góis e Thiago Barcelos Soliva (2008a; 2008b), entre jovens universitários estudantes da Universidade Federal Fluminense, vemos uma variedade de histórias de vida que identificaram as amizades gays como pontos centrais na construção de redes de apoio face aos diferentes tipos de violências dos quais esses jovens estão expostos. As entrevistas evidenciam ainda como esses jovens utilizam do espaço da universidade para constituírem “zonas de conforto” onde podem ser “eles mesmos”, através da experimentação de diferentes formas de sociabilidade (reuniões, encontros, festas, almoços no bandejão<sup>6</sup> etc.).

<sup>6</sup> Restaurante universitário apelidado pelos alunos daquela instituição de “bandejão”. Ele está localizado no Campus do Gragoatá.

A sociabilidade foi certamente uma importante dimensão por meio da qual esses homens começaram a construir laços intensos e longevos. Os encontros em casas de amigos, as festas, os concursos e outros momentos de conagração foram aos poucos estruturando relações mais densas que puderam progressivamente substituir as relações de consanguinidade. Como afirma Rodrigues (2006), os espaços de sociabilidade homossexual constituíram “formas estratégicas para elaboração e disseminação de políticas e projetos de proteção social” (RODRIGUES, 2006, p. 06). Esses espaços, afirma a autora, estimulavam tanto a consciência de si e a participação política, quanto o associativismo (RODRIGUES, 2006). Alguns estudos norte-americanos chamam atenção para a formação dessas

“associações de amigos”. Esses estudos concluem que essas associações foram as bases do movimento de defesa dos direitos para gays e lésbicas que floresceu naquele país (CHAUNCEY, 1994; WESTON, 2003).

Para Rezende (2002), um dos principais marcadores que opõem família e amizade é o monopólio da socialização assumido pela primeira. Para os homossexuais, essa lógica parece não se aplicar, pelo menos não totalmente. Como vimos acima, são muitas as pesquisas que apontam para a centralidade das amizades gays para o aprendizado da homossexualidade (MACRAE, 1990; GUIMARÃES, 2005). Não se aprende a ser gay em casa, mas entre os iguais. Assim exposto, interesse-me por compreender como essa sociabilidade possibilitou uma outra forma de ter “acesso ao

<sup>7</sup> A discussão sobre o parentesco é densa e foi durante muito tempo fundamental para a antropologia. Não é o objetivo de esse trabalho entrar nessa discussão. Assim exposto, tomamos a ideia de “acesso ao parentesco”, tal como definida por Weston (2003), como uma forma de explicar as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos em sociedade organizam seus sentimentos de pertencimento, sua “aliança” a um determinado grupo. Uma das funções mais importantes desse tipo de perspectiva é a de desestabilizar a noção de família como associada à consanguinidade, realçando o caráter social dessas relações. Para esse autora, “acesso ao parentesco” seria então se entregar a outras relações de afeto, auxílio mútuo e cooperação sem que elas sejam orientadas pela lógica do sangue.

parentesco”<sup>7</sup>, redefinindo a própria ideia de família. Nessa tarefa, foram de extrema valia as análises de Kath Weston (2003) sobre as relações que classifica como “famílias de escolha”.

De acordo com Weston (2003), a tradição ocidental fez com que durante muitos anos (acredito que entre alguns setores da sociedade esse pensamento ainda persista) a descoberta da identidade homossexual fosse vista como uma rejeição ao conceito de família. A percepção de que os gays eram seres mais sexuais do que sociais colocou esse grupo em uma situação marginal em relação ao convívio familiar. Essas ideias se baseiam na tese de que a experiência homossexual (como uma essência) causaria o isolamento dos indivíduos, o que não possibilitaria a sua inserção integral no tecido social (WESTON, 2003).

Para Weston (2003), esse pensar tem uma razão simbólica comum: a suposta ameaça que os homossexuais representariam à reprodução

e à manutenção da sociedade. Se as relações entre homossexuais não são definidas como relações produtivas, não sendo legitimadas pela rubrica da reprodução, elas ameaçariam o crescimento natural da humanidade. De acordo com essa visão, essas relações não poderiam produzir famílias, células sociais por excelência, e, portanto, tenderiam a minar a sociedade.

Essas ideologias, como aponta Weston (2003), têm implicações importantes na forma como os homossexuais interpretam a própria família. Uma das consequências mais imediatas desse entendimento era a de que, negando a família, o indivíduo negava o amor. Quando se entregasse ao desejo homossexual, esse indivíduo estaria rejeitando seu grupo familiar, bem como o amor que emana dele. A negação do amor familiar, por conseguinte, resultaria no isolamento do indivíduo, que não mais contaria com uma rede de proteção capaz de suprir suas necessidades em face de uma situação de doença ou outro problema.

A construção dessa ideia está fortemente baseada na suposta relação de contiguidade entre consanguinidade e afinidade. Essa combinação prescreve que todas as relações de parentesco configuram laços lineares entre o sangue (biológico) e o afeto (social). Essas esferas são cruzadas pela família. Em função dessas ideologias, a muitos gays e lésbicas fora negada a possibilidade de se perceberem como parte de uma família. No plano das relações cotidianas, essa concepção resultou na expulsão ou saída voluntária de vários jovens gays e lésbicas dos domínios familiares para outros espaços. No estudo de Weston, a região da Baía de São Francisco foi um desses espaços de recepção de homens e mulheres afastados da família.

Contudo, o isolamento desses “seres sexuais”, amplamente proclamado pelos defensores da família tradicional, produz outros tipos de arranjos afetivos formados por esses homens quando fora dos domínios familiares. A autora se propõe a compreender o processo de construção das relações de parentesco gay e lésbico que começam a colocar em xeque a legitimidade do parentesco baseado no sangue. Para Weston (2003),

a base desse processo foi a “saída do armário”, que teria alcançado nos Estados Unidos, no período estudado pela autora, uma certa institucionalização.

Para ela, o parentesco gay é entendido como o fruto de uma transformação histórica. Essa transformação se relaciona com a política de revelação da homossexualidade, a “saída do armário”, vivenciada por um dado grupo de homossexuais. Essas transformações resultaram na desconstrução da ideia de que o parentesco poderia ser acessado tão somente pela procriação, logo, pela heterossexualidade. As famílias gays têm mostrado outra forma de “acessar o parentesco”, destaca Weston (2003), na qual a eleição e a escolha seriam componentes fundamentais para a formação dos arranjos familiares e a construção de uma lógica do amor. Conforme Weston:

Las familias gays o de elección pueden incorporar amigos, amantes e hijos, en cualesquiera combinaciones, Organizadas a partir de una ideología del amor, la elección y la creatividad, se han definido por oposición a lo que muchos gays y lesbianas del Área de la Bahía llaman familia “hetero”, “biológica” o “de sangre”. Si las familias elegidas eran las que las lesbianas y homosexuales habían creado por sí mismos, las familias hetero eran aquellas em que habían crecido y se habían convertido en adultos (WESTON, 2003, p. 58).

Como podemos perceber, esse tipo de família agrega diferentes tipos de pessoas que se unem em função do reconhecimento de uma forte identidade coletiva. O sangue aqui é o componente que menos importa, tanto no que se refere ao seu caráter prescritivo quando ao seu caráter de interdição. Afinal, as relações sexuais são admitidas pelo grupo, sendo regulares a passagem de status de “amante” para “amigo”. A “família gay” é basicamente formada por amigos que compartilham uma experiência de vida comum e que se ligam por uma “história de cooperação”. Essas amizades são formadas por vínculos duradouros marcados por uma trajetória de afirmação de uma identidade sexual considerada desviante do ponto de vista da sociedade mais ampla.

Semelhante ao que ocorrera na “Área da Baía” estudada por Weston, no Brasil vemos surgir estudos que apontam para o florescimento de relações de amizade igualmente desenhadas por uma lógica de cooperação. No trabalho de Carmem Dora Guimarães (2005) fica evidente a importância das amizades nas histórias de vida dos homens que foram acompanhados por essa pesquisadora. Os motivos que os levaram a se reunir foram basicamente os mesmos apontados por Weston: a descoberta da própria homossexualidade, o afastamento da família biológica e a construção de “núcleos solidários” que envolviam amigos, amores e ex-amores.

Esses “núcleos solidários” de que fala a autora marcaram uma intensa interação entre diferentes tipos de pessoas, incluindo aquelas que não pertenciam ao mesmo “grupo de status” da rede analisada por ela. Essas relações permitiam o contato estreito entre mundos sociais distintos, sem perder, no entanto, o substrato com o qual essas relações são nutridas: o afeto. Partindo dessa lógica de afetos, as relações de amizade permitiam dividir experiências de vida, oferecendo um espaço de trocas simbólicas entre esses homens. Guimarães (1984) afirma que:

As relações de amizade homossexual, distintas das do celibatário, implicam não somente reciprocidade de afetos, alegrias, infortúnios e confidências “normais”, como constituem também uma rede vital de troca das intimidades proibidas – os “babados”, as “baixarias”, os sucessos da “divina” – reservados aos ouvidos entendidos (GUIMARÃES, 1984, p. 578).

Essa “rede vital” é animada por um conjunto de interações sociais responsáveis pela transmissão de códigos, símbolos e revelações pessoais, o que a autora chama de “intimidades proibidas”, que só ocorrem em função de um profundo conhecimento em relação ao amigo. Em análise sobre os significados da amizade, Rezende (2003) descobre que para os seus entrevistados (homens e mulheres heterossexuais), a amizade é construída em função de um conjunto de premissas, sendo a mais importante as revelações mútuas de sentimentos entre indivíduos que se percebem como amigos. Essas revelações têm como alicerce a confiança,

que se baseia em função de um conjunto de expectativas positivas em relação aos amigos, que inclui a esperança de serem aceitos (como eles são) e compreendidos em suas atitudes. Entre os amigos gays essa possibilidade de “abrir-se”, ou seja, expor as suas intimidades a outrem é uma peça-chave na constituição de uma “rede vital”. É através da confiança depositada no amigo é que se começa a tecer essa rede de trocas de intimidades fundamental para suportar o contexto hostil imposto aos homossexuais.

### 3. Sociabilidade, Solidariedade e Proteção entre os “Okeis”

Na Turma OK é muito comum ouvir dos sócios que a associação não é um grupo, mas sim uma “família”. Essa noção se aplica tanto aos sócios que acabaram de aderir ao grupo quanto àqueles que já estão lá há mais tempo. A ideia de “família” está intimamente ligada à forma como esses homens compreendem as relações de amizade e as trocas afetivo-materiais que as envolvem. Essas relações são ritmadas por indivíduos em constante interação, nas quais o “estar junto”, o “comer junto” e o “fazer coisas juntos” organizam dinâmicas interativas de caráter obrigatório entre eles. Foram muitas as narrativas que comprovam essa ideia. Acredito que a fala que ilustra de forma mais elucidativa os contornos dessa amizade é a de José Rodrigues.

A Turma OK era assim, para o pessoal gay, era muito interessante. A gente se reunia e era uma sociedade que as pessoas se encontravam lá. Era amizade mesmo, né? Tinha, evidente que tinha, como em todos os lugares tem, fofoca, essas coisas assim. Mas a Turma OK, a gente era como se fosse uma grande família, entendeu?

José Rodrigues destaca o caráter agregador da Turma OK, sem desconsiderar o conflito que lá existe. Sua narrativa se apoia na lembrança de um passado marcado por uma intensa interação entre esses amigos. A expressão que adota para explicar o mote dessas relações de amizade, “grande família”, se constitui a partir de um eixo de referências simbólicas

de onde se deduz dois elementos importantes para a configuração de um núcleo familiar, a “solidariedade” e a “lealdade” entre seus membros.

As manifestações dessa “solidariedade familiar” foram muitas, mas talvez a mais importante seja aquela que se liga à dinâmica do cuidado com o outro, associada a uma certa concepção de “doação” que poderia ser tanto afetiva, de tempo ou mesmo material (REZENDE, 2002). O cuidado com os amigos, conta Agildo, era uma preocupação recorrente entre os membros da Turma OK. Agildo Guimarães revela que, em muitas festas que oferecia em seu apartamento, ele mesmo não aproveitava, tampouco bebia, com o objetivo de cuidar da segurança dos amigos. Agia como uma “mãe”, observando sutilezas que colaboravam para o bom andamento dessas festas, incluindo a segurança dos seus participantes.

As “mães” são, geralmente, homossexuais mais velhos e considerados mais experientes na vida, uma vez que já teriam atravessado as fases difíceis pelas quais passam todos os homossexuais. Às “mães” cabia uma função socializadora. Eram elas que iniciavam os mais novos nas normas e rotinas que dirigiam o grupo, zelando para que as regras internas não fossem transgredidas (COSTA, 2010). Elas seriam ainda portadoras de um capital material maior, que incluiria uma vida financeira estável, com apartamento próprio, emprego etc.

Além dessas posses materiais, as “mães” teriam a oferecer um conjunto de “valores sociais” (alegria, afeto, boa conversa etc.) responsáveis por facilitar a sociabilidade e a socialização dos neófitos no grupo (SIMMEL, 1983). O status de “mãe” se aproxima muito do da “rainha” identificada por Barbosa da Silva (2005) na década de 1950, quando estudava o “grupo homossexual” em São Paulo. Para este autor, a “rainha” era uma espécie de núcleo a quem todos os outros membros do grupo primário estariam ligados. A diferença, contudo, é que as “rainhas” eram únicas dentro de um dado grupo homossexual, enquanto as “mães” poderiam ser muitas dentro de um mesmo grupo.

O principal objetivo dessas “mães” nas reuniões era o de controlar as “bichas”, impedindo que ocorressem eventos que pudessem chamar

a atenção dos vizinhos ou mesmo da polícia. Esse controle era exercido através da proibição de falarem alto ou de provocarem quaisquer outros transtornos para a vizinhança do apartamento. Em função disso, as “mães” tinham de ficar a noite toda sem ingerir álcool ou outra substância que provocasse alterações no comportamento.

O uso da nomenclatura de parentesco não se limita apenas ao uso da expressão “mãe”. É comum entre esses homens se chamarem de “irmã”, tanto no passado quanto ainda hoje. O emprego dessa linguagem tem reflexos importantes na forma como esses homens se relacionam. Ela impede, por exemplo, que o interesse e a consumação sexual ocorra entre eles. É como se acreditassem que as relações de amizade fossem submetidas a uma espécie de tabu, semelhante ao tabu do incesto (BARBOSA DA SILVA, 2005). Minha observação sugere que o uso da expressão “irmã” é mais frequente entre aqueles homens homossexuais que possuem um comportamento mais feminino, sendo o tabu do incesto uma reificação

<sup>8</sup> Para alguns sócios, a fundação da Turma OK carrega consigo a identificação com certo modelo de feminilidade, já que foram aqueles homens que apreciavam a arte de se “montar” os responsáveis por começar a organização desse mundo.

da antítese “bicha/bicha”. Ou seja, a rejeição da atividade sexual entre dois pares masculinos que possuem um comportamento feminino. Talvez em função dessa semelhança, baseada no gênero, essas amizades tenham sido tão intensas e duradouras<sup>8</sup>. Afinal de contas, como já havia mostrado Durkheim (2003) a propósito da “solidariedade mecânica”, o indivíduo tende

sempre a procurar aquele que a ele se assemelhe, pois é nele que se reconhece e se completa.

Outra chave para se interpretar a rejeição da sexualidade entre esses amigos estaria nas supostas consequências negativas que a relação sexual traria às amizades. Para Rezende (2002), o sexo aproximaria não apenas corpos, mas colocaria em evidência uma parte do *self* de ambos os parceiros. Essa exposição não controlada do *self* desequilibraria substancialmente a forma como lidariam com a amizade depois do envolvimento sexual, podendo, inclusive, encerrar a amizade. Vale ressaltar que Rezende (2002),

ao analisar essas interdições, está se referindo a amigos de sexos diferentes. Para os amigos gays, essa lógica parece não se aplicar como entre os heterossexuais. São muitos os casos nos quais as relações inicialmente baseadas na interação sexual se tornaram amizades longas e intensas, ajudando a refutar a ideia de que as relações homossexuais são efêmeras e guiadas exclusivamente pelo interesse sexual.

O uso da expressão “irmã” evoca ainda uma noção de irmandade, uma confraria, semelhante à que existiu entre os negros norte-americanos de grandes centros urbanos como Nova York e Chicago. Como escreve Weston (2003), a prática de “se fazer irmão” poderia ser tão real para essas pessoas quanto eram os vínculos consanguíneos. Dessa forma, a noção de irmandade foi fundamental para a formação de uma identidade coletiva entre os indivíduos que compunham esse grupo social. Essa identidade, por sua vez, foi essencial para a contestação de um passado segregador. A exemplo do que ocorrera com os negros norte-americanos, a noção de irmandade foi fundamental para a construção de uma percepção de “nós” entre os homossexuais. Esse “espírito coletivo” estaria na base das organizações pelos direitos gays e lésbicos que viriam. Dito de outra forma, a percepção de que existiria uma família para além do sangue foi estruturante para a constituição de um “espírito coletivo” consolidado por contatos íntimos de amizade.

Para Meccia (2011), as transformações mais recentes pelas quais passam as representações sobre as homossexualidades têm revelado um certo arrefecimento desse “espírito coletivo”, em função da progressiva diferenciação biográfica que ocorre no interior desse grupo. O autor define esse processo como “gaycidade”. A “gaycidade”, conforme Meccia (2011), tenderia a transformar em “categoria social” o que outrora era definido como um grupo ou uma coletividade. Em outros termos, a experiência homossexual passaria a ser determinada antes como uma marca de “distinção”, no sentido de Bourdieu (2011), do que como uma coletividade agregada por sentimentos de pertencimento a um dado conjunto de atributos comuns.

A Turma OK talvez seja um exemplo interessante da permanência desse “espírito coletivo”. Essa associação tem se constituído desde a sua fundação pela solidariedade que liga os seus membros. Claro que essa solidariedade foi construída a partir do reconhecimento de interesses comuns, sobretudo associados à homossexualidade, mas não se limitou a ele. Essa característica a aproxima muito mais da dinâmica do movimento anti-ids, que se organizou no Brasil a partir da década de 1980, do que daquela do movimento homossexual brasileiro que teria se baseado em uma política de identidade (PARKER, 2002).

O “estar junto” e o “fazer coisas juntos” são realidades vivenciadas intensamente pelos integrantes da Turma OK. José Rodrigues revela que a convivência entre ele e os seus amigos “okeis” era muito intensa. Eles chegavam a passar todo o final de semana juntos.

Era assim, era, sexta, sábado e domingo a Turma OK funcionava, assim, a todo o vapor. Então, quando apareceu todos esses modismos todos de dança, de cantar, disso e daquilo, karaokê, essas coisas toda, a gente estava sempre lá. E fazia uns almoços, assim, fantásticos. A gente começava é... sábado... sexta e sábado à noite, mais ou menos. No domingo, começava por volta de duas horas, mais ou menos, tinha o almoço, aí ficava todo mundo por lá, via um pouco televisão lá dentro mesmo, assistia um jogo e tal. E de noite... e isso ia até 11 horas, meia-noite.

Esses encontros não se limitavam apenas à sede da associação. José Rodrigues diz que durante o período em que frequentou mais assiduamente a Turma OK pôde participar de diferentes atividades organizadas pelo grupo. Eram passeios pela cidade, piqueniques, excursões etc. De acordo com ele, eram feitas muitas viagens de ônibus pelo interior do estado. Eles saíam de manhã e só retornavam de noite. Os destinos eram variados, indo de cidades da Baixada Fluminense até aquelas situadas na Região dos Lagos<sup>9</sup>. Algumas viagens se estendiam por um período maior. Nessas

<sup>9</sup> Região do estado do Rio de Janeiro conhecida por suas praias e cidades dedicadas ao turismo de veraneio.

ocasiões, o grupo dormia em algum hotel da região visitada, sendo a diária incluída no preço do pacote. Os integrantes da Turma

OK não eram os únicos a participarem dessas excursões. Muitos “okeis” levavam consigo familiares ou mesmo namorados. Algumas mães também acompanhavam seus filhos nesses eventos, como podemos ver no relato de José Rodrigues.

Nós fomos muito, muito unidos, muito bom! A gente fazia festas incríveis, a gente fazia piquenique, ia para fora. Vinha um ônibus, vinha e pegava a Turma toda ia, assim, para fora. Tivemos em Magé<sup>10</sup> uma vez. E, às vezes, a gente ia pro lado das praias de lá de Cabo Frio, entendeu? E às vezes ia para montanha, Petrópolis, Teresópolis. A gente saía, dois ou três ônibus cheios, lotados. Ia muita família, porque as famílias do pessoal gay, também irmãos, mãe, irmã se juntava tudo e ia todo mundo, né? E a gente passava o dia por lá e comemorava, e almoçava por lá, e tudo mais, e voltava à noite.

Animados também eram os piqueniques e os passeios pela cidade. José Rodrigues diz que eram atividades frequentes entre os “okeis”. Os lugares escolhidos eram geralmente parques de grande circulação, como o Aterro do Flamengo ou a Quinta da Boa Vista. Ir a esses encontros representava uma forma de afirmar a homossexualidade em um período em que expressar a identidade gay poderia ter como resultado até mesmo a cadeia. Estar nesses espaços era tornar público algo considerado particular, a sexualidade. Ao mesmo tempo, parece que esses encontros nos parques da cidade, amplamente frequentados por outras famílias (biológicas), era uma maneira de reforçar a ideia de “família”, uma vez que, compartilhando desses espaços, podia-se acessar, pelos amigos, esse universo afetivo do cotidiano familiar.

Assistir à televisão juntos, algo bem característico do estar em família, era prática comum entre os sócios da Turma OK. Com o tempo, porém, essa prática foi sendo colocada de lado. Estranhei muito quando na primeira vez em que estive na sede vi uma televisão em cima de uma pequena cômoda ao lado do piano, no salão de entrada. Não era

<sup>10</sup> Ele se recordou do passeio que fizeram para Magé por eu ter lhe dito, antes de iniciar a entrevista, que tinha nascido e sido criado nesse município.

<sup>11</sup> Trata-se de um aparelho bem antigo. É comum hoje ver aparelhos de televisão em boates e bares de pegação. Contudo, a programação nesses espaços combina-se à atmosfera erótica ou festiva. No caso das boates, a TV geralmente transmite clipes ou corpos seminus que completam o caráter festivo do ambiente. Nos bares de pegação, elas passam filmes pornográficos que têm por objetivo estimular a interação sexual entre os presentes.

um lugar onde esperava ver uma TV como aquela<sup>11</sup>. Pouco tempo depois, a existência do aparelho foi ganhando significados. Assistir à televisão é um momento em que a família pode estar reunida. Essa lógica também se aplica à Turma OK. Presumo que o aparelho de TV é uma forma de acessar aquele “espírito familiar”. Seria uma forma de “estar em casa”, transcendendo o confinamento desse espaço (HELLER apud WESTON, 2003). Durante o período que estive entre os “okeis”, nunca vi a televisão ligada. Porém, ela ainda está lá, talvez como lembrança de que ali podemos nos sentir em “casa”.

Uma dimensão significativa dessa sociabilidade é aquela que se relaciona à comensalidade. É sabido do destaque dado pela teoria social a essa prática no conjunto das situações sociáveis (REZENDE, 2001). Foram muitas as ocasiões nas quais a comida fez parte das festas e outras rotinas do grupo. Durante as assembleias, por exemplo, é muito comum alguns sócios trazerem sanduíches e bebidas para a reunião. Geralmente, as assembleias de sócios são sempre momentos tensos, marcados por desavenças entre esses amigos. Ao fim de todas as reuniões que frequentei havia um apelo para o lanche. Dona Nildinha era responsável por trazer os sanduíches, enquanto Dona Odete trazia o café em uma garrafa térmica. Essa iniciativa, acredito, funciona como uma espécie de “rito de agregação”, nos termos empregados por Van Gennep (1978), para harmonizar as relações após a tensão ocorrida. Nesse momento, os desafetos são suplantados pelo afloramento dos sentimentos coletivos característicos do estar junto à mesa (DURKHEIM, 2000).

A comida se fazia presente até mesmo nas noites de shows. Alguns sócios oferecem, no dia do seu projeto ou quando outro amigo faz uma apresentação, algo de comer para a plateia. Essa iniciativa

conta com o consentimento de Benito. É ele, aliás, o responsável pela compra e preparação dos petiscos distribuídos ao espectador, geralmente salgadinhos ou algum outro prato específico. Nessas ocasiões, a Turma OK pode lucrar com o sócio que solicitou a comida e com o bar, já que estimula os frequentadores a comprarem bebidas como acompanhamento para a comida.

O “comer junto” vai muito além da necessidade de aplacar uma carência fisiológica ou de agradar ao espectador que está na casa: essa atividade é plena de significados. Nessas situações, esses homens e mulheres podem forjar uma “lealdade familiar”, semelhante à que é vivenciada por algumas famílias biológicas (WESTON, 2003). A “lealdade familiar” consiste na obrigação moral de “estar junto” quando se passa por um dado conjunto de situações sociais caracterizadas pela dor ou pelo prazer, tais como: adoecimento, morte, datas comemorativas, festas etc.

As celebrações são situações sociais importantes por meio das quais esses sócios fazem manifestar essa “lealdade familiar”. O comparecimento às festas de final de ano (Natal e Ano-Novo), consideradas datas familiares por excelência, são bons exemplos dessa opção pelas “família de escolha” em detrimento daquela constituídas pelo sangue. Essas festas são celebradas desde a fundação da Turma OK. Muitos desses homens e mulheres moravam sozinhos e estavam longe de suas famílias biológicas, que se encontravam em outros estados. Outros moravam em bairros diferentes daqueles nos quais os familiares residiam ou então simplesmente não queriam passar essa data com suas famílias biológicas. Agildo conta que as reuniões natalinas concentravam um grande número de pessoas. Cada qual trazia um prato de comida para a ceia. Nessas festas havia troca de presentes e o conagraçamento de toda a Turma OK. José Rodrigues diz que as festas de fim de ano eram cuidadosamente planejadas durante todo o ano. Eles chegavam a guardar dinheiro em uma “caixa”, que só era aberta no mês de dezembro para poder fazer a celebração.

Hoje, as comemorações de final de ano são realizadas alguns dias antes da data em que ocorrem. Durante muito tempo, essas festas foram

produzidas por Anuar na sede da associação. Segundo ele, a comemoração do Natal era a “menina dos seus olhos”. Em função disso, empenhava todos os seus esforços para fazer uma festa inesquecível para todos que dela participassem. Apesar de a festa não ser mais feita em um apartamento na noite do dia 24 de dezembro, muitos sócios costumam se organizar para passarem o fim de ano juntos. Geralmente, eles se cotizam em torno de algum sócio que tenha casa fora do município do Rio de Janeiro, na Região dos Lagos, por exemplo.

O dia das mães, assim como o Natal e o Ano-Novo, é uma festividade que reúne e desperta o interesse de quase todos os sócios. Quem organiza tudo o que é necessário para esse dia é o Departamento Feminino. São as mulheres que ficam com a incumbência de enfeitar a sede, preparar a comida e organizar as atrações do dia. Muitas mães de sócios comparecem nessa ocasião. É um momento em que a “família biológica” encontra-se unida à “família de escolha”. Trata-se de um evento que dilui os limites entre esses dois modelos de família, espacializando a “aliança” entre os mesmos.

É nessa ocasião também que é entregue o prêmio de Melhor Mãe do Ano. Foi em uma dessas oportunidades que Hilmar (chamada Patrícia Saint-Laurent), 64 anos, fez seu primeiro show “montado” tendo como audiência a sua mãe, Dona Hilma. Isso se deu em 2001, quando, por iniciativa de Anuar, Hilmar decidiu se apresentar para a sua mãe como Patrícia Saint-Laurent. Até essa data, Hilmar mantinha segredo sobre a sua prática de “vestir-se do outro sexo”. Ele confeccionava suas roupas com um alfaiate, pois tinha vergonha de ir a lojas comprar roupa feminina para si. Outra forma encontrada por ele para se “montar” era comprar roupas e acessórios fora do país. Em suas viagens de compras a Nova York e Paris, tendo sua mãe como companhia, ele dizia comprar roupas femininas para as amigas no Brasil, podendo assim prová-las antes da compra.

Mas não foi somente no Dia das Mães que as famílias biológicas e as famílias de escolha se encontravam. Ao longo dos anos, a Turma OK acabou por se transformar em um espaço de encontros entre diferentes

famílias. Dona Ercília, nesse sentido, pode ser compreendida como uma precursora nesse processo. Com 96 anos, 20 deles vividos entre os “okeis”, ela não só frequentava o casarão como levava consigo o seu marido (hoje falecido) e sua filha, Nininha, que chegou até a ser secretária em uma das gestões de Anuar. Em entrevista para uma matéria sobre a Turma OK para um jornal da prefeitura do Rio, Dona Ercília se refere à Turma OK como uma parte fundamental da sua vida. Ela diz, “Minha vida sem o OK não valeria nada. Esse lugar me ensina e me consola. Aqui eu aprendo a amar todo mundo. Sou uma mãe para os rapazes, pois algumas famílias não os aceitam”. O caminho aberto por Dona Ercília foi seguido por outras mulheres que compõem o Departamento Feminino, como Theca de Castro e sua filha Engel de Castro, ambas não só frequentadoras da Turma OK como também atrações no palco da associação. Theca de Castro é atualmente diretora do Departamento Feminino. Ela e Engel frequentam assiduamente a sede da associação, comemorando os seus aniversários entre os sócios da mesma.

Os aniversários comemorados por Dona Ercília foram situações nas quais se misturavam seus parentes de sangue e aqueles de afinidade, os “okeis”. A propósito, as festas de aniversário dos sócios comemoradas na sede da Turma OK são situações de caráter festivo que têm como consequência a mistura entre parentes consanguíneos e de escolha. Nessas ocasiões, o salão da Turma OK fica lotado de mães, irmãos e outros parentes que assistem as apresentações de seus filhos “vestidos do outro sexo” no palco.

Outras celebrações importantes são os concursos, sobretudo o Miss OK. Não ir ao Miss OK era algo como faltar a uma reunião familiar. Afinal, todos estariam presentes nesse evento. É durante essa celebração que os “okeis” podem ver aqueles a quem não viam há muito tempo. Alguns desses homens, sobretudo aqueles que deixaram de frequentar o casarão, vão ao Miss OK. Trata-se de uma oportunidade única de colocar a conversa em dia, de se atualizar nas fofocas e matar as saudades de algumas pessoas cuja dinâmica do dia a dia se encarregou de afastar.

Entretanto, não foi apenas em situações festivas que se manifestou essa “lealdade familiar”. Em momentos difíceis, como em caso de morte e adoecimento, os amigos da Turma OK encontraram proteção e acolhimento nos seus amigos. Diante de tais situações, esses sócios desenvolveram estratégias coletivas de apoio, que podiam ter tanto um caráter material quanto oferecer suporte emocional. Foi o que aconteceu, por exemplo, no período mais forte da aids, quando por iniciativa de Anuar (presidente na época) foram desenvolvidas diferentes formas de enfrentar a doença. Todas essas iniciativas, reforça Anuar, contavam única e exclusivamente com o dinheiro vindo dos sócios. Quem esclarece esse ponto é Pedro Paz, como podemos ver no trecho que segue:

Quando um “ok”, uma pessoa sócia da Turma OK, adoecia de aids e tinha problemas financeiros, a Turma OK sempre se mobilizou no sentido de ajudar financeiramente essa pessoa. E se não tinha parentes, a Turma OK mandava pessoas, pessoas se empenhavam em ajudar diretamente essa pessoa, assim como o GAPA, assim como outros grupos, as chamadas ONGs aids. A Turma OK, esclareça-se, jamais foi uma ONG, é uma associação, é um clube com associados que pagam mensalidades. E a Turma OK sobrevive graças a essas mensalidades e doações, e venda de, não se pode falar em ingresso, mas venda de permissões para que pessoas, não sócias, frequentem a Turma, e venda de bebidas, enfim, de coisas na sede.

O mesmo ocorria com a doação de medicamentos. Anuar me disse que o dinheiro dos sócios servia também para custear o tratamento médico daqueles que precisavam tomar alguma medicação específica, não necessariamente relacionada à aids. Os remédios eram comprados e podiam ser retirados na sede. Além dessas iniciativas, que respondiam a uma necessidade material, esses sócios, como vimos no relato de Pedro, também organizavam visitas para confortar o amigo doente. Essas visitas foram responsáveis por criar um sistema de proteção, minimizando a sensação de “estar sozinho” naquele momento difícil.

Hoje, a Turma OK desenvolve medidas de apoio aos indivíduos infectados pelo vírus. Com a distribuição gratuita de medicamentos que

combatem a doença, a Turma OK desincumbiu-se da tarefa de oferecê-los. Sua ação se concentrou na tarefa de proporcionar suporte emocional a esses indivíduos, o qual é feito por meio de visitas ao doente. Outra forma encontrada pelo grupo de prestar solidariedade é através da comunicação. A Turma OK sempre permite a fixação de material informativo em seu quadro de avisos (campanhas do Ministério da Saúde, por exemplo) e também permite a disponibilização de materiais instrucionais na sede. Esse material costuma ficar disponível já na entrada, em uma pequena mesa logo que se chega no casarão.

Em situações envolvendo morte de um sócio, ou de algum parente biológico de um sócio, a Turma OK se mobilizava para assegurar apoio. Anuar me contou que durante a sua gestão desenvolveu uma espécie de plano funeral para aqueles sócios da Turma OK que não possuíam recursos para enterrar seus entes queridos. O dinheiro usado para esse projeto vinha das contribuições mensais dos sócios e dos lucros obtidos com as vendas do bar. Ele disse que o plano teria beneficiado não somente os sócios, mas pessoas que não frequentavam a Turma OK e que tinham alguma ligação com o “circuito gay” da região da Lapa. Foi o caso de uma travesti que vivia da prostituição e que, segundo Anuar, iria ser enterrada como indigente. Para evitar esse destino, Anuar disse ter providenciado todo o funeral, incluindo pessoas para velar o corpo, evitando que a travesti fosse enterrada sem a devida dignidade.

Todas essas ações implicavam um aumento substancial das despesas responsáveis pela manutenção da associação. Para manter as atividades regulares da sede e não interromperem as “ações assistenciais”, como chama Anuar, aqueles sócios que dispunham de uma vida econômica mais confortável pagavam o valor correspondente a duas mensalidades. Esses sócios eram chamados “benfeitores”. Eles não só pagavam voluntariamente uma taxa maior como se cotizavam para quitar alguma conta pendente que ficara sem pagamento nos meses nos quais ocorressem desequilíbrios nas finanças.

Emprestar dinheiro, ainda que não seja uma prática recorrentemente narrada pelos sócios, é algo que costuma acontecer. Ainda que tenham deixado escapar que emprestam dinheiro para os amigos, todos com quem conversei se negam a dizer quanto e por que razões emprestaram. Acredito que essa negativa tenha a ver com a obrigação moral de guardar a informação de forma a não expor o amigo devedor a uma situação de constrangimento. Durante o período em que estive em campo, nunca assisti ou ouvi falar de brigas ou desentendimentos entre sócios em função de alguma dívida não honrada.

A assistência material, contudo, não é algo que se restringiu ao empréstimo de dinheiro. Pagar ou confeccionar as roupas de um amigo que quer fazer show, mas que não conta com recursos materiais para isso, é uma prática comum, realizada por muitos sócios. Isso ficou evidente durante a entrega dos títulos de Rei e Rainha do Carnaval de 2011. Nesse evento, a Rainha do Carnaval, Sissy Diamond, foi por várias vezes mencionada publicamente pelo Rei do Carnaval, Carlos Flores, por ter custeado o tecido e confeccionado a roupa que trajava naquela noite. Os agradecimentos foram seguidos por muitos aplausos da plateia, manifestando o reconhecimento da solidariedade daquela sócia não somente àquele sócio em particular, mas à associação.

Outras práticas movimentam essa forma de generosidade. A assistência na “montaria”, ou seja, o empréstimo de maquiagem e perucas é uma outra forma de retribuir gentilezas entre os sócios. Talvez essa característica, a doação, é o que faça com que a Turma OK seja identificada como uma espécie de “celeiro de novos talentos”. É nesse espaço que meninos considerados desajeitados e feios aprendem a se “transformar” em lindas mulheres. Muitos rapazes que se “montam” ainda desconhecidos do “circuito gay carioca” buscam essa assistência. Na Turma OK eles encontram o aprendizado necessário para ingressar no mundo dos artistas-transformistas.

À medida que esses homens foram envelhecendo na Turma OK foi se constituindo entre eles um sistema de proteção no qual podiam encontrar

amparo e companheirismo em face de algum problema particular. Muitos deles continuam morando sozinhos. É o caso de José Rodrigues. Mas eles não estão sós. Ele, por exemplo, me disse que liga constantemente para os “amigos antigos”, mesmo para aqueles que não vê há bastante tempo. Suas ligações são sempre retribuídas com mais ligações, afirma ele, o que impede que se sinta sozinho. Pelo que percebi quando se perguntava por algum “OK” que não frequentava mais a sede, sempre sabiam sobre o paradeiro, as condições e, sobretudo, a respeito da saúde do amigo afastado. São amizades de mais de trinta anos. Os contatos telefônicos ofereciam não somente uma oportunidade para falar com o amigo que se afastara das atividades do grupo, mas também para oferecer suporte em face de uma situação de doença ou mesmo para aplacar a sensação de solidão.

Parece que, para os sócios mais antigos, a sede da Turma OK deixou de ser, com o tempo, um espaço de encontros. Os motivos são os mais variados. Agildo reclama do horário em que ocorrem as atividades do grupo e da conseqüente falta de transportes no centro para a Zona Sul em razão do adiantado da hora. José Rodrigues faz queixas semelhantes, mas destaca a violência urbana com um dos principais inibidores de suas saídas à noite. Todos relacionaram o problema de sair à noite como um dos reflexos da velhice. José Rodrigues, por exemplo, disse não ter mais a vitalidade que tinha para sair a essas horas: logo fica com sono, ele assegura. Apesar da pouca disponibilidade para sair à noite, esses homens continuam tendo uma agitada vida social, com participação em clubes, idas a cinemas, caminhadas, eventos sociais etc.

No tocante à Turma OK, ouvi de muitos sócios que, ainda que distantes, ela sempre faria parte das suas vidas. Essa frase evidencia um certo tipo de pertencimento que não se limita ao uso de um espaço específico. Ao contrário, ele o transcende. Trata-se de ligações duradouras, responsáveis pela constituição de um “eu” a partir de um “nós”. O sentimento de confiança construído entre eles diminuía os reflexos dessa distância, possibilitando a existência desses vínculos mesmo sem a exigência de uma convivência constante (REZENDE, 2002). Apesar dessa

base, os sócios mais antigos, alguns dos quais pude entrevistar, falaram com nostalgia daquele “clubinho de amigos”, dos “períodos áureos” dos concursos de beleza etc.

Esses e outros exemplos de cooperação e solidariedade dados pelos sócios da Turma OK apontam para a construção de uma sociabilidade forjada por fortes e duradouros laços de amizade. Esses laços são amarrados por uma “história de cooperação” com a qual esses homens se identificam. Essa história possibilitou modificar trajetórias de vidas que possivelmente seriam silenciadas pela história oficial. Falando da importância da Turma OK para a sua trajetória individual, Agildo ressalta:

Nossa, muito importante, eu queria aquilo e consegui. Eu acho que é muito importante, porque você convivendo em sociedade você vai viver do mesmo, você vai tendo certeza do que você é. Por que você poderia... nunca participar da Turma OK. Mas você sabe que algumas pessoas amigas minhas sofriam muito. Essa coisa de você esconder que você é homossexual é terrível, porque você não pode dizer nada, sabe? Você tem que omitir tudo. Você então sendo sincero, sendo você, pelo menos no clube, num clubezinho como o nosso e tal, você tem uma chance de ser você, e não ficar com medo. Que era muito ruim você esconder disso e daquilo, não poder... sabe? Pelo menos ali nós éramos nós mesmos. Muito importante. Muito bom, eu acho que nós fomos os “Bandeirantes dos homossexuais” aqui no Rio de Janeiro. E com isso, nós tínhamos relacionamentos nos outros estados que a gente distribuía o jornal [*O Snob*] e eles nos outros estados iam tomando conhecimento. São Paulo, Sergipe, que nós tínhamos, Minas Gerais, até no Amazonas (até hoje nós temos dois amigos). Nós tínhamos um grupozinho que eles nos escreviam e mandavam retrato do grupo, enfim. A princípio os desenhos de mulheres. Nós fazíamos desenho, né? Pegava de alguma revista, botava o carbono por baixo, aquela coisa. Aí depois chegou a época do xerox, que a gente tirava o xérox. Aí eles, lá em Minas, a gente mandava o jornal de volta com os retratos de fulana, de sicrana e tudo isso era uma beleza. Sabe que tinha coisas engraçadíssimas, eu estava na praia com outros amigos, aí chegou uma pessoa assim: “Você que é a Gilka Dantas?”, eu disse sou. Eu era praticamente uma celebridade, e quando eu chegava: “você que é a Gilka Dantas?”, aquela coisa, sabe? Que elas nem me chamavam de Agildo, é Gilka Dantas. Então, ela [*a Turma OK*] foi realmente, foi a nossa liberdade, porque com isso a gente pôde existir um pouco. Pelo menos se não foi total, pelo menos um pouco.

A aproximação desses homens em função de suas preferências sexuais teve como consequência um reconhecimento de “si” no “outro”, conferindo uma sensação de alívio entre eles, reforçando os sentimentos de identificação com um grupo social ainda que destoante do conjunto da sociedade envolvente. O que Agildo chama de “clubezinho” é um importante espaço de “construção de si”, sem o qual ele seria impossível de existir, como ele mesmo afirma. Foi através dessas pequenas iniciativas (jornais, passeios entre amigos, festinhas etc.), protagonizadas por esses homens, esses “bandeirantes”, como ressalta Agildo, que se constituiu uma forte identidade coletiva, a qual ao longo do tempo, foi se consolidando como uma poderosa identidade política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se ocupou das relações de amizade e dos significados atribuídos a elas pelos sócios da Turma OK. A percepção desses indivíduos como integrantes de uma família traz implicações importantes para o tipo de sociabilidade, bem como para a qualidade dos vínculos afetivos constituídos. Pensados a partir da noção de família, os sócios da Turma OK oferecem exemplos da não naturalidade dos laços familiares, bem como do caráter social das relações de amizade.

A ideia principal que percorreu esse ensaio é que as relações de amizade entre os homens homossexuais estudados puderam estruturar vínculos tão sólidos quanto aqueles formados pelas relações familiares. Em se tratando de indivíduos reconhecidos por suas preferências homossexuais, os amigos gays são importantes como possibilidades de reconstrução do laço social fragilizado pelo pertencimento a um grupo socialmente estigmatizado. Vimos que são muitas as situações nas quais a Turma OK pôde forjar uma “lealdade familiar” baseada em sentimentos coletivos comuns, como a solidariedade, a cooperação, a confiança e o auxílio mútuo. Nessas situações, ficou patente o lugar de destaque ocupado pelos amigos gays na constituição de laços tão duradouros e intensos de afetos que se aproximam ou até mesmo transcendem as relações familiares, julgadas pelo senso comum como espaço de existência desse tipo de sentimentos.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James e TRINDADE, Ricardo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2011.

CHAUNCEY, George. *Gay New York: gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890-1940*. New York: Basic Books, 1994.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. 2008. *A “Turma OK”: um espaço de sociabilidade gay*. Monografia (Especialização em Sociologia Urbana) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. 2010. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro (séculos XVII ao XX)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

GÓIS, João Bôsko Hora e SOLIVA, Thiago Barcelos. Como amigos, como amantes: sociabilidade e sexualidade entre um grupo de jovens amigos. *Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – Retratos do Brasil Homossexual*, São Paulo, 2008 a.

\_\_\_\_\_. Entre amigos: experiências de violência e sociabilidade entre jovens homossexuais na universidade. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder*. Florianópolis, 2008 b.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

\_\_\_\_\_. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000 a.

\_\_\_\_\_. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000 b. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/n15a12.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2011.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. *Casos e acasos*. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 1984. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V01A24.pdf>> Acesso em: 13 de janeiro de 2011.

KAZ, Roberto. Turmas do Rio: a cidade agrega as diferenças. In: *Rio Artes*, Secretaria Municipal de Culturas, Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 42, maio, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 29-42, 1989.

MACRAE, Edward. *A Construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

MECCIA, Ernesto. La sociedad de los espejos rotos: apuntes para una sociología de la gaycidad. Sexualidad, salud y sociedad: *Revista Latinoamericana*, n. 08, p. 131-148, ago, 2011.

MELATTI, Júlio Cesar. *Antropologia no Brasil: um roteiro*. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB, Rio de Janeiro, n. 17, 1º sem., 1984.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PLUMMER, Kenneth. “O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino”. In: HART, John & RICHARDSON, Diane (Orgs.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, p. 03-15, 1989.

REZENDE, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. *Poder, gênero, resistência, proteção social e memória: aspectos da socialização de “gays” e “lésbicas” em torno de um reservado em São João de Meriti, no início da década de 1980*. 2006. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SIMMEL, George. “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal”. In: Moraes Filho, Evaristo (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. (Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

TURMA OK. *Estatuto da Turma OK*. Rio de Janeiro, 1985.

TURMA OK. Disponível em: <[www.turmaok.com.br](http://www.turmaok.com.br)>.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 05, n. 01, p. 07-32, 1995.

VÁRIOS autores. 40 anos da Turma OK. *OKZINHO*, Rio de Janeiro, Edição especial de aniversário, Ano 18, n. 1, Janeiro, 2001.

WESTON, Kath. *Las familias que elegimos. Lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2003.